

Sessões Coordenadas

19, 20 e 21 de novembro

SC01. História Oral e Identidades

Rosilene Dias Montenegro

OS CHAPEADOS EM CAMPINA GRANDE: TRABALHO, TENSÃO E RESISTÊNCIA

Alan Franca Paiva Silva²

RESUMO

Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado do PPGH da UFCG. A pesquisa que se encontra em andamento falará sobre uma categoria de trabalhadores de Campina Grande – PB. Os *chapeados*³. O recorte está situado entre os anos de 1980 a 2000, a oralidade será tomada como fonte-documento privilegiada na construção deste texto. Partindo dos relatos destes trabalhadores pretendemos compreender as transformações no cotidiano do trabalho ocasionada pelo processo de mudanças nas atividades comerciais vivenciadas por eles. Tendo em vista que parece ser unânime a visão de muitos estudiosos que se debruçaram a pesquisar sobre Campina Grande em dizer que esta cidade, desde os primórdios, desenvolveu-se graças ao forte comércio, e que, em tempos áureos do algodão a cidade ganhava epíteto de “cidade do trabalho”, “cidade moderna” e “Liverpool brasileira”. Este cenário nos faz pensar numa Campina sempre forte, moderna e propensa ao desenvolvimento. Mesmo com a crise do algodão as memórias constituídas sobre Campina Grande falam de muitos sucessos no setor comercial, empresarial e atacadista. Diante desse movimento da cidade é que partimos para as seguintes problematizações: por qual eventualidade ainda persiste essa categoria de trabalhador nos espaços urbanos desta cidade? Quais as impressões destes trabalhadores sobre a cidade “moderna”? Qual o seu lugar social? Como vivem ou sobrevivem em contextos cada vez mais exigentes e dependentes de tecnologia um ofício que pressupõe apenas força física?

Palavras-chave: Trabalho; chapeado; oralidade; Campina Grande.

EMERGÊNCIAS DOS TRABALHADORES POPULARES NA CIDADE

Antes de adentrarmos na pesquisa que propõe falar do mundo dos chapeados em Campina Grande-PB, é válido registrarmos a importância dos estudos daqueles autores⁴ que

² Especialista em história do Brasil e Mestrando do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande, <alanufcg@gmail.com>.

³ Há várias denominações para chapeados, como: “ganhadores”, “cabeceiro” “carregadores”, “chapa”, “estivadores” etc. as variações mudam de acordo com as localidades. Chapeado na Paraíba são homens que trabalham carregando e descarregando mercadorias, prestando serviços gerais. Em Campina Grande, são nas feiras, Ceasa, Conab, entrada da cidade, postos de gasolina e nas proximidades das casas comerciais em geral que poderíamos definir como seu ambiente de trabalho.

⁴ E.P. Thompson, Michele Perrot, Sidey Chalhoub, M^a Auxiliadora Decca etc.

deram evidência aos populares nas narrativas históricas. Abrindo alternativas e abordagens das mais variadas sobre o estudo das cidades e do mundo do trabalho.

Quando os populares começaram a figurarem nas narrativas históricas, parece haver uma reação às deficiências de perspectivas anteriores em que as pessoas comuns são deixadas de fora nos textos de história. Publicações de várias obras⁵ inspirariam pessoas escreverem história a partir de uma perspectiva onde os populares ganhassem evidências nas narrativas. (BURKE, 2008, p.29,30).

Leituras de E.P. Thompson, como em “A força dos Trabalhadores” (1989), “A Miséria da Teoria” (1981), “As Peculiaridades do Inglês e Outros Artigos” (2001) etc. podem pinçar as características marcantes do seu trabalho de fazer os esquecidos apresentar-se como sujeitos ativos na construção da história e visualizar como os seus conceitos vão tornando-se claros em sua narrativa, a rigor, o conceito de experiência. *“Do ponto de vista empírico é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas.”*

A “valorização” das experiências vividas e da subjetividade expressa nos estudos do historiador Britânico, ao tratar de homens e mulheres simples, influenciariam pesquisadores no Brasil, como (CHALHOUB, 1986), e (DECCA, 1987).⁶ Ambos os textos manifestam-se como narrativas que procuraram dar visibilidade a personagens anônimos, permitindo-os a capacidade de falar sobre si mesmos, revelando valores, formas de sociabilidades ou conflitos. São discussões emblemáticas, especialmente pela dimensão crítica diante de um processo que abre novas alternativas de vida para aqueles habitantes marginalizados.

Em “A vida fora das fábricas,” a classe operária é vista como sujeito de cultura inferior. *A população operária da capital, vista geralmente como gente de cultura inferior, estaria potencial e efetivamente predisposta à criminalidade e à revolta.* (DECCA, 1987, p. 64). A autora pontua questões sobre como era vista a classe operária de São Paulo nos anos 20 e 30 do século XX; Chalhoub discute o cotidiano dos trabalhadores no período da Belle

⁵ Obras como: A história social do jazz de 1959, de Eric Hobsbawm e A formação da classe operária inglesa de 1963, de E.P. Thompson. Neste texto, o autor não se limita a fazer uma análise econômica. Inclui descrições de rituais, apresenta o lugar das feiras na vida "cultural dos pobres". Analisa como fonte de pesquisa até poesia para se chegar entender estruturas de sentimento dos trabalhadores. Percebemos um diálogo muito tênue com a história cultural.

⁶ Ao citar Decca e Chalhoub, não pretendemos demarca-los como os principais propagadores dessas novas abordagem teóricas-metodológicas no Brasil. Nem tão pouco desconhecer que diferentes estudos no Brasil fariam uso de outros pressupostos teóricos, que não fosse do historiador E.P.Thompson, para assim também, falar das pessoas comuns.

Época⁷ no Rio de Janeiro, onde os enredos permeiam interpretações mais profundas e teóricas sobre trabalho, lazer, conflitos sociais e repressão Estatal.

Estudos como estes trouxeram novos olhares sobre as pessoas simples, como imprimiriam possibilidades distintas de ver e sentir os espaços urbanos, assim como o cotidiano do trabalhador comum. Estes estudos trouxeram também outras representações sobre mundo dos trabalhadores comuns, estes que são partes indissociáveis da própria dinâmica cidade. É neste sentido que pretendemos desenvolver nosso estudo para apresentarmos o mundo dos carregadores na cidade de Campina Grande.

1.1 UMA POSSIBILIDADE DE ESTUDO

Por que estudar pessoas anônimas, desprovida de qualquer atenção no cenário urbano, como os trabalhadores chapeados em Campina Grande? Ao levarmos em consideração a construção das cidades, como uma produção histórica tecida por relações sociais, compreende-se que o primeiro motivo ou explicação para tal questionamento é perceber que estes trabalhadores apresentam outro olhar sobre Campina Grande a partir do mundo do trabalho.

Como então traçar técnicas de pesquisa com fontes escritas quando estas são escassas ou, neste caso, inexistem? Como poderia um pesquisador, dedicado a pesquisar sobre essa categoria de trabalhador senão recorrer às fontes orais?

Os questionamentos não tem intenção de fazer apologia à metodologia oral colocando-a em grau de importância maior do que outras fontes, mas aparecem, sobretudo, para demonstrarmos que o uso da oralidade, para algumas especificidades, torna-se a alternativa mais crível quando se busca narrar uma história de sujeitos que não figuraram em páginas de jornais, revistas, livros etc.

A experiência destes carregadores passa a ser valorizada como objeto de estudo, mas não com o objetivo de resgatar um passado, mas por acreditar que essas pessoas podem, ao narrar seus relatos, contar uma versão de sua história e da cidade, a partir de suas inquietações, tramas e conflitos do presente.

⁷ Período de supremacia burguesa nas grandes cidades europeias do século XX.

1.2 CAMPINA GRANDE: CIDADE E COMÉRCIO INDISSOCIÁVEL

Ao longo da nossa pesquisa fica evidente que talvez nem existisse o trabalhador chapeado naquelas cidades e/ou locais onde o comércio não fosse pulsante, forte, rentável etc. Portanto, o recorte espacial que selecionamos para analisar essa categoria de trabalhador não foi uma escolha aleatória, mas sim porque notamos que a cidade Campina Grande caracteriza-se como um local propício a análise de trabalhadores como estes.

A cidade de Campina Grande, desde os primórdios, apresentou forte vínculo com atividades comerciais.⁸ A vida local da cidade dependia do comércio de cereais. Desde a fundação do povoado que os negócios avolumaram-se ano a ano em progressão idêntica ao crescimento da localidade e ao aumento demográfico da capitania. Esta cidade, afirma Câmara, “nasce juntamente com as feiras, que por consequência traz consigo as primeiras atividades comerciais”. (CÂMARA, 1999, p. 42).

Nas palavras de Giovanna de Aquino Fonseca Araújo, a origem da feira deve-se ao forte cultivo de mandioca, comercializada na *Rua das Barrocas*,⁹ que a partir daí, graças ao forte desenvolvimento da agricultura, apareceriam às primeiras casas de farinhas, caracterizando assim, numa primeira fase do nascimento da *feira de Campina Grande*¹⁰.

Na segunda fase “Campina Grande” passa da condição de povoado para vila¹¹, nessa época o comércio de cereais já se apresentava com muita força. Na terceira fase, a partir de 1864, devido ao seu desenvolvimento, seria elevada à categoria de cidade. Até os anos 50 do século XX, a importância comercial da cidade recai sobre o algodão, produto este que consolida ainda mais esta cidade como centro mercantil do Nordeste.¹²

Mesmo atento às abordagens enfáticas e abrangentes das referências acima, ao evidenciarem o desenvolvimento do comércio na cidade, é inegável que a forma pela qual Campina Grande se desenvolveu, desde os “primórdios” (embalada pelo comércio), nos dá subsídio para pesquisar uma categoria de trabalhadores, os chapeados. “Ofício” este, que subsiste, especificamente, pela presença de um forte comércio.

⁸ Conferir CÂMARA Epaminondas: Datas Campinenses, p. 21; RG Editora e Gráfica, 1998. Ver também CÂMARA, Epaminondas. Os alicerces de Campina Grande: Esboço histórico-social do povoado e da vila (1697 a 1864), 1999, p.78-97.

⁹ Barrocas faz referência ao nome da rua mais antiga de Campina Grande. Hoje, Vila Nova da Rainha.

¹⁰ Nas palavras de José Pereira Junior, a feira confunde-se com a própria história da cidade. “ambas até certo ponto a mesma coisa” (PEREIRA JUNIOR, 1977, p. 19)

¹¹ O nome da fundação da Vila, que posteriormente viera se chamar Campina Grande foi Vila Nova da Rainha.

¹² ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. Feira Livre: Memória “viva” da cultura do povo campinense, ao final do século XX. 2004, p. 29.

As ruas centrais, entrada da cidade, feiras livres e proximidades, configuram-se os locais por onde transitam estes carregadores em busca de “pegar” algum trabalho¹³. Tendo em vista que o comércio em abundância, em qualquer extensão urbana, pressupõe tendência de muitos serviços para aqueles trabalhadores que tiram seus sustentos usando os espaços das ruas da cidade. Por outro lado, fica a tensão, o forte comércio pressupõe inovações mecânicas, técnicas e melhorias nos serviços, rivalizando e disputando os espaços com o trabalhador braçal.

Pensando nos movimentos da cidade de Campina Grande em tempos áureos do algodão (1900-1930) - um contexto na qual a cidade ganhava epíteto de “cidade do trabalho”, “cidade moderna” e “Liverpool Brasileira¹⁴”; ou atentando para o forte comércio que se constituiu após a crise do algodão: *As memórias construídas sobre a cidade de Campina Grande entre as décadas de 1960-1980 falam de muitos sucessos no setor comercial, empresarial e atacadista¹⁵* (SOUZA, 2011, p.91); constatamos uma propensão desta cidade para o comércio, inovações, desenvolvimento e modernidade.

Nesse sentido, questionamos: por qual eventualidade ainda persiste essa categoria de trabalhador nos espaços urbanos desta cidade? Quais as impressões destes trabalhadores sobre a cidade “moderna”? Qual o seu lugar social? Como vivem ou sobrevivem em contextos cada vez mais exigentes e dependentes de tecnologias?

Quando pensamos a ótica de sociólogos e historiadores¹⁶ que dizem estarmos vivendo num contexto excessivo tecnologicamente, que nos deixa perplexos a cada instante devido à velocidade das mudanças sociais, torna-se inevitável não querer problematizar esse âmbito para compreender a grande permanência deste trabalho braçal (nas ruas da cidade) que pressupõe apenas força física para tirar seu sustento.

¹³ Até meados dos anos vinte, a rua “João Pessoa”, localizado no centro da cidade de Campina Grande, era o local onde mais frequentavam carregadores. Ver SOUSA, Fabio G.R.B. de. Na obra, Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945. Edufpg, 2006. Nosso estudo pontua a Rua João Pessoa, ainda, como um dos principais locais onde frequentam chapeados.

¹⁴ Os epítetos que foram denominados para a cidade de Campina Grande, os quais mencionamos, são citados em obras como: Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-ecômicas e práticas culturais (1880-1925);

¹⁵ Ver sobre esta questão, SOUZA, A. Clarindo B. “Por uma vida menos infame”. In: Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer. João Pessoa: Ideia, 2011.

¹⁶ Ver, SENNETT Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14º ed. Rio de Janeiro. Record, 2009. SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI - No loop da montanha russa. São Paulo, Cia da letras, 2001.

1.3 TRABALHO, TENSÃO E RESISTÊNCIA

No trabalho de chapeado, os serviços são praticamente iguais, mas há uma diferença entre a posição em que se encontram alguns desses carregadores. Existem aqueles que trabalham *fixos*¹⁷, enquanto outros vivem nas ruas esperando, na maioria das vezes, algum dono de armazém convidar para descarregar ou carregar alguma carga, ou iniciarem em qualquer outro tipo de atividades. Conseqüentemente a forma de pagamento também sofre mudanças.

Aqueles chapeados que trabalham numa loja fixa dedicam seu trabalho apenas àquela loja, recebendo um salário mínimo, independente de aparecer serviço ou não. Além de receberem pelo carrego ou descarrego, sempre que chega ao armazém. “*O carrego ou descarrego de mercadoria é por fora, ganhamos esse dinheiro fora a parte do salário*”. (Francisco Barbosa da Silva). Enquanto que outros, como eles mesmos dizem: “ficam soltos” nas ruas, calçadas ou, mais precisamente nos arredores da Feira Central ou ruas centrais da cidade a espera do convite. Estes *chapas* recebem neste caso, de acordo com o peso da carga, ou, acertado pela quantidade de sacos. Vejamos o que diz um chapa da Rua Quebra Quilos que trabalha fixo:

A gente recebe um salário mínimo, aí você recebe por semana, entendeu? Ele divide pra ver como vai ficar por semana. Pronto! Hoje mesmo a gente tá recebendo cento e cinco reais por semana, aí ele tá dando o almoço que é por fora, ele paga o almoço e paga o descarrego. A gente tira uns cinquenta saco pra descarregar e já recebe já. Fora o salário. Se brincar, tem semana que a gente tira quase o dobro do salário. (João Francisco da Silva¹⁸).

Este relato apenas demonstra como são remunerados os chapeados que trabalham fixo. No que se refere à forma de pagamento daqueles chapeados que não tem um emprego fixo, outro chapa nos diz:

A forma de pagamento é assim, ele pega o descarrego aí tem cinco cara na turma, né? Quatro de fora e um da casa, vamos dizer. Aí ele paga o descarrego, dá cinquenta reais o descarrego, a gente divide os cinquenta, aí tem cinco pessoas, aí é dez pra cada. O *chapa* da casa também recebe, entendeu? Aí pronto, ele terminou,

¹⁷ Trabalham com carteira assinada, mas basicamente a função é a mesma. Carregar e descarregar mercadoria.

¹⁸ Entrevistas concedidas nas seguintes datas: 07/10/2008, 23/10/2008, 16/04/2009 e 19/05/2009. O entrevistado, na época do primeiro relato tinha 33 anos de idade e mais de 15 como trabalhador chapeado.

ali ele não tem mais obrigação de fazer mais nada, que ele já descarregou, já fez a parte dele. Toma banho e vai pra outro canto. (*Francisco Barbosa Silva*¹⁹, (Negão)).

Estes que não trabalham num ambiente fixo, que vivem a perambular pelas ruas, configuram-se na maioria dos *chapas* desta cidade. Não há exclusividade para a realização de algum trabalho, o que se nota é que estes homens estão prontos e dispostos a realizar qualquer atividade, porque é um trabalho inconstante, incerto. “*Tem dia que aparece, tem dia que não aparece. Tem dia que dá, tem dia que não dá*” (Francisco Barbosa Silva). Então, agarram as oportunidades sem exigir, ou até mesmo, sem combinar quase nada. Mesmo assim não deixam o serviço passar, pois no dia seguinte a possibilidade de não conseguirem trabalho é grande.

Ainda sobre a forma de trabalhar destes *chapeados*, verificamos que há uma vaidade entre eles quando o assunto é salário, local de trabalho, e ainda, quem ganha mais, se aqueles que trabalham fixos ou os que estão soltos nas ruas de um lugar para outro. Alguns depoimentos, de uns poucos *chapeados* que não trabalham fixos afirmam que trabalhando “solto” é a maneira ideal para se juntar mais dinheiro. É o que afirma Geraldo, *chapa* há mais de 15 anos;

Trabalhar solto ganho mais, porque você não pára, é de um lugar para outro. Eu já trabalhei fixo, em mais de quatro armazém desses aí, mas hoje trabalho solto. É melhor! (Geraldo Melo, *chapa* a mais de 13 anos).

A pesquisa tem nos revelado que aqueles *carregadores* que realizam suas atividades num local exclusivo, neste caso, num ambiente fixo, vivem em condições melhores, não só no local de trabalho, como também fora deste. Vejamos o que diz João Francisco da Silva, *chapeado* há mais de 16 anos, sobre aqueles que trabalham fixos e os que vivem à espera de algum serviço para ganharem o seu dia.

É porque o que trabalha fixo, tá certo de final de semana ter seu dinheirinho pra fazer sua feira, né? Aí aquele que trabalha solto fica tentando arrumar num lugar, no outro, às vezes tem semana que é muito parado, tem semana que não dá quase nada pra quem trabalha assim. Já quem é empregado fixo, toda semana pode fazer, pode não fazer, tem o seu né? Certo da feira já! (João Francisco da Silva).

¹⁹ Entrevistas concedidas nas seguintes datas: 18/10/2008 e 03/03/2009. O entrevistado, na época do primeiro relato tinha 42 anos de idade e mais de 20 anos como trabalhador *chapeado*.

Independente do sistema de assalariamento, as condições dos *chapeados* são as mais adversas; o esforço para carregar os pesados fardos não é o maior problema para eles. É suportável trabalhar como *chapeado*, ser chamado de *chapa*, sustentar 100 kg sobre a cabeça. A pesquisa nos revelou e com muita clareza, que executar este trabalho exige um esforço muito além da força física. Não há dúvidas do cansaço físico, mas os corpos se adequam ao ritmo do trabalho, mesmo aparecendo algumas dores físicas. O movimento nestas imediações de Campina Grande parece não parar, é um fluxo constante de caminhões. Ao passarmos pelos arredores, entre a manhã e noite, as imagens parecem ter congelado, são sempre as mesmas – lá vai um homem com o saco sobre a cabeça, de pés no chão e sem camisa.

Mas não há dúvida alguma sobre o que mais atinge e incomoda os *carregadores*, deixando-os sem assunto e cabisbaixos por alguns momentos. São os olhares estranhos de quem vai passando e vendo-os todo sujos e de pés descalços.

Eu não sei o que muita gente pensa quando vê a gente assim todo sujo bem no meio da rua, parece até que estamos fazendo uma coisa errada, sabe? Já me peguei pensando nisso muitas vezes. (*Geraldo Melo*²⁰).

Os risos, piadas e brincadeiras entre os *chapas* camuflam a desqualificação deste trabalho, de modo que parecem amenizar a dor muscular. A maioria dos entrevistados, mesmo com muito acanhamento, aos poucos desabafam, expressando seus sentimentos, na ânsia de enquadrar o trabalho de *chapeado* no rol, ao menos, de qualquer trabalho comum. O não reconhecimento do seu trabalho e o fato de não serem notados socialmente parece ser o fardo de maior peso que os *chapeados* carregam.

1.4 RELATOS E IMPRESSÕES DA CIDADE

A ausência de fontes escritas, para “historicizarmos” essa categoria de trabalhador comum em Campina Grande, conduz-nos a optar pela história oral enquanto fonte primeira para este estudo. Para esse breve estudo, procuramos utilizar relatos, tanto dos carregadores ainda em atividades, como daqueles, que por idade avançada ou outros motivos, deixaram de figurar nas ruas como trabalhadores chapeados.

²⁰ Entrevistas concedidas nas seguintes datas: 30/03/2009 e 11/02/2009. O entrevistado tem mais de 40 anos de idade e firma ter mais de 18 como trabalhador chapeado.

Tendo em vista que um dos objetivos é perceber a cidade a partir dos olhares dos carregadores, destacamos alguns relatos que trazem impressões e contribuições para pensarmos sobre as transformações que estavam ocorrendo no setor comercial e na dinâmica do cotidiano do trabalho a partir dos anos de 1980 a 2000.

O depoimento a seguir apresenta-nos dois momentos sobre a movimentação do comércio em Campina Grande, um passado de comércio aquecido por boas lembranças; e um presente, ora esperançoso, ora de tristeza e lamentações;

A gente já ganhou muito dinheiro aqui nessa feira, tinha dia aqui de a gente ganhar muito dinheiro, apurava o dinheiro de trabalho de uma semana inteira só num dia, tudo de gorjeta que o pessoal dava e do descarrego que a gente ganhava. Hoje em dia a gente passa a semana todinha e não consegue ganhar o que ganhávamos antigamente. É muito difícil porque já caiu muito o movimento. Mais antigamente era um carro atrás do outro, pra carregar e descarregar agente nem hora de almoçar direito tinha. Hoje em dia não, você ver que já ta mais parado, você tem tempo até de dormir às vezes, que antigamente não existia isso, só tinha tempo de chegar mesmo pra começar o serviço. Isso daí fica na lembrança da gente porque a gente ganhava muito dinheiro. Teve gente mesmo aqui que construiu casa só com o descarrego, fora o salário fixo. Ai isso daí fica na lembrança da gente. E a coisa de ruim é que caiu o movimento, né? E a gente sempre fica pensando que não vai voltar o que era antes. Ai é difícil pra gente ver isso dai: como era o movimento de antes e como é hoje. Quem chegou agora a pouco não viu o movimento, mas quem já é antigo nesse trabalho e sabe do movimento todinho fica triste um pouco por causa disso daí. Só na vontade que tudo volte como era antes (João Francisco da Silva).

A rememoração traz lembranças do comércio forte, da movimentação que traziam vantagens ao trabalho de carregar e descarregar mercadorias, possibilitando, assim, percebermos tensões e conflitos no cotidiano desta categoria de trabalhadores. O exemplo do relato revela um dos caminhos que pretendemos trilhar ao narrar uma história dos chapeados, que é contar uma versão de suas histórias a partir de suas inquietações, tramas e conflitos do presente.

As modificações que ocorreram neste espaço tão importante para estes trabalhadores haveria sim de interferir em suas vidas. E as palavras de João Francisco da Silva revelam-nos com algum detalhe as razões destas mudanças.

Na nossa *área*²¹ caiu muito o movimento. Outra coisa também teve os supermercados que começaram a abrir nos bairros. Muita gente que vinha fazer compra dentro da feira, hoje em dia não compra mais, compra no supermercado que

²¹ O chapeado faz referência às ruas próximas a Feira Central da cidade; como por exemplo: a Rua Quebra Quilos e a Rua Cristóvão Colombo.

manda entregar na sua casa, aí já tira o pessoal da feira, entendeu? Os que vinham comprar na feira era porque não tinha um supermercado próximo, e hoje em dia tendo o supermercado perto, você não vai comprar na feira. É melhor você comprar perto da sua casa. Eles mandam entregar de moto, carro pequeno. Você antigamente vinha pra feira carregava peso e até carroceiro você tinha que pagar. Facilitou muito e mudou nisso aí, hoje você diz o endereço, paga e eles vão deixar na sua casa. (João Francisco da Silva).

Nesse movimento que apresenta mudanças sentidas pelos trabalhadores chapeado, seguem as impressões de “Zé Abelha²²”;

Quando eu cheguei aqui nessa área da feira, por aqui também pela Rua Quebra Quilos, o trabalho de *chapeado* era uma loucura. Não faltava serviço não, faltava era *chapa*, porque vendia demais por aqui, tudo que você imaginar vendia por aqui. Só pra você ter uma idéia, só ali em *Jailson*²³ era seis trabalhando fixo e quatro na entrega, só ai era dez funcionários, será que vendia? 4h da manhã já tinha duas carretas paradas ali na porta para os caras descarregar, e era só descarregar para em poucos minutos o armazém começar a esvaziar de tanta vendagem, não parava um minuto, toda hora chegava caminhão, no final da tarde o armazém tava quase vazio, vendia demais, hoje em dia é parado em relação a época que cheguei aqui. E esse movimento existia até uns 15 anos atrás. Ali em *Adalto*²⁴ também era um movimento grande, aqui nessa região toda da feira o movimento não parava, essas ruas mesmo por dentro da feira, nem moto passava.

A emergência do capital, da concorrência e da busca pelo lucro é uma dinâmica característica dos setores comerciais presente nas cidades modernas. Após a década de 1960, encontramos um forte declínio do comércio atacadistas em Campina Grande, abrindo espaço para novos empreendimentos comerciais. Sobretudo a proliferação das atividades varejistas.²⁵ O aparecimento dos supermercados, e a facilidade propiciada por esses novos estabelecimentos em melhorarem os serviços aos clientes utilizando carros e motos para os serviços de entrega, por exemplo; acertam em cheio o cotidiano destes trabalhadores, fazendo-nos refletir como ainda subsiste esse ofício, essa categoria de trabalhadores

²² Entrevista concedida em: 10/06/2009. O chapeado não autorizou revelar o nome, afirmando que todos o conhecem por esse apelido. “Zé Abelha” foi um dos mais antigos que entrevistamos e que ainda permanece na atividade de carregar e descarregar mercadoria. A Rua Quebra-Quilos é seu local de trabalho. “Zé Abelha” tem mais de 60 anos. É um dos chapeados mais conhecido nas proximidades da Feira Central da cidade.

²³ Jailson é o proprietário de um antigo armazém localizado na Rua Quebra Quilos que ainda está em funcionamento. Este armazém é uma referência nesta rua por ter uma grande variedade de produto.

²⁴ Proprietário do “Armazém Contrigo”, localizado na Rua Quebra Quilos, que ainda encontra-se em funcionamento. Dentre os vários produtos que vendia neste armazém, o principal produto era a farinha de mandioca e o trigo para se fazer pão, estes produtos continuam sendo a exclusividade nas vendas.

²⁵ Costa (2003,p.120) analisa de forma interessante as mudanças pelas quais o comércio de Campina Grande estava passando nos finais dos anos sessenta. Sendo preciso em datar o primeiro mercadinho a funcionar na cidade. Eis que o mercadinho “Dom Dom”, localizado na Feira Central parecia iniciar a nova modalidade do comércio varejista que expandiria pela cidade.

desprovida de associação, vínculo formal, classe ou sindicato; em tese, um trabalho que pressupõe força bruta desqualificada.

Os relatos desta categoria de trabalhadores, ao trazerem impressões sobre a cidade e ao mundo trabalho, contemplam-nos ao propiciar novas dimensões e abordagens alternativas sobre estudos das cidades e dos populares. Para uma pesquisa de *maior envergadura*²⁶, nota-se que as experiências dos chapeados são importantes para compreensão dos processos que envolvem trabalhadores comuns, os modos de vida destes dentro do contexto mais amplo das relações entre capital, trabalho e emprego na cidade de Campina Grande nos últimos anos.

A força dos novos mercados com ampliações dos serviços (entrega em domicílio, cartão de compra/credito etc.) oferecendo conforto ao consumidor são dinâmicas que modificam o comércio das cidades e conseqüentemente modificam também o cotidiano desta categoria de trabalhadores, os chapeados. Acreditamos que as transformações pelas quais passam uma cidade (sejam elas quais forem), modificam os sujeitos históricos, e estes, por sua vez, interferem e sentem as mudanças nos espaços urbanos. As cidades se constituem igualmente a partir dos populares que a todo tempo imprimem sua própria dinâmica no cotidiano ao apreciar e visualizar os espaços de forma particular.

Estes trabalhadores resistem e persistem na procura dos seus sustentos diários, buscando acompanhar os deslocamentos dos espaços comerciais que estão se configurando e transformando a todo instante.²⁷

Como vimos até aqui, estes trabalhadores testemunham que as mudanças no setor comercial da cidade interferem de forma direta na dinâmica do seu ofício e, sobretudo, nos seus “salários”. Conseqüentemente na sua alimentação, habitação, vestimenta, diversão etc. A rememoração traz lembranças de um comércio dinâmico, forte e promissor que hoje não existe mais.

Os “tempos de fausto” relatados pelos chapeados, ao dizerem: “antigamente a gente ganhava dinheiro demais” é o que marca seus relatos quando estão contando suas histórias. Mesmo quando o assunto distanciava do mundo do trabalho, ainda assim é para esse quesito;

²⁶ A nossa pesquisa no PPGH da UFCG, que será concretizada com a defesa da dissertação já nos mostra a importância das vivências desses trabalhadores. Ao dizerem e lerem a cidade e o mundo do trabalho a partir das suas próprias experiências.

²⁷ Os chapeados a todo instante procuram táticas para conseguirem trabalho. Estão sempre atentos com os lugares que podem oferecer um trabalho. Embora estes trabalhadores não tenham horários fixos para “chegarem” ao trabalho, ainda assim permanecem alertas com os horários e os locais comuns dos armazéns, lojas de eletrodomésticos etc. para estarem prontos para um possível carregamento ou descarregamento de mercadorias. Estão acompanhando a dinâmica do comércio para conseguir um trabalho. Os horários e os locais de descarregamento de determinadas lojas ou armazéns podem alterar-se conforme ocorre na Rua João Pessoa com as lojas de eletrodomésticos.

trabalho, que suas falas direcionavam. Nos momentos das entrevistas, independente do assunto em pauta, quase não há relatos que eximem ou ofuscam a palavra trabalho.

São relatos tensos, preocupados e cheios de incertezas sobre seu ofício. Eles parece entenderem que a dinâmica do comércio estão cada vez menos necessitando dos seus serviços. Não sabem, é de se imaginar, que o desemprego, a individualidade, as inovações dos serviços cada vez mais recorrente nos setores comerciais é fruto de uma dinâmica, sócio econômico, perceptível que parece estimular a competição exigindo qualificação que resultem em produtividade no trabalho.

No seu *A cultura do novo capitalismo*, assim como no seu *A corrosão do caráter*, o sociólogo Richard Sennett, pinça considerações a respeito da cultura capitalista contemporânea e nos trazem um cenário de traumas sociais e emocionais. Na ótica do sociólogo, as flexibilidades proporcionadas pela globalização nas instituições públicas e privadas afetam o trabalhador de tal modo que estes incorporam um medo de se tornarem supérfluos ou ficar para trás na “sociedade de capacitação”.

É de se notar que Sennett esteja a tratar de trabalhadores que divergem e muito da categoria do trabalhador (chapeado) que estamos aqui analisando. Não obstante, fica evidente que estes trabalhadores comuns também são atingidos por esta flexibilidade global da qual o sociólogo discute em suas obras. Aja vista que a dinâmica do capitalismo não seleciona tão pouco escolhe em qual cotidiano ou perfil de trabalhador devem interferir. A dinâmica muda não só os lucros e as práticas do trabalho, mas também a sensibilidade dos homens.²⁸ Seja qual seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Elpídio. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1978.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e Região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Doutorado em História. Campinas, UNICAMP, 2001.

²⁸ Eis que estamos a falar da velocidade com que as coisas modificam-se com dinâmicas tecnológicas e capitalistas. Transformações que afetam as práticas de trabalho, assim também como as sensibilidades dos homens. Para o caso dos chapeados, estes precisam se adaptarem, deslocarem e cada dia estarem sujeitos a mudarem de local de trabalho, pois precisam seguir as mudanças do comércio e as inovações que estão surgindo. A maioria desses trabalhadores, o que tem a oferecer ao mundo da informação e da tecnologia é apenas força física. O sociólogo Sennett diria que essas exigências e mudanças tecnológicas afetariam até o caráter do homem.

- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Feira Livre: Memória “viva” da cultura do povo campinense, ao final do século XX**. Ed. Campina Grande-PB: Gráfica e Editora Agenda, 2004. V. 01.
- CABRAL, FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)**. 2007.
- CÂMARA, Epaminondas: **Datas Campinenses**. RG Editora e Gráfica, 1998.
- _____. **Os alicerces de Campina Grande: Esboço histórico-social do povoado e da vila (1697 a 1864)**, 1999.
- CHALHOUB, Sidey. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- COSTA, Antônio Albuquerque. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional : a feira de Campina Grande na interface desse processo**. 2003, 230f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFPE, Recife.
- DECCA, M. A. Guzzo. **A Vida Fora das Fábricas**. Rio de Janeiro, paz e terra, 1978.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil**. História Oral, São Paulo, nº 1, p.19-30, jun. 1998.
- GUEDES PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cristina Borgesda. **Memórias de Leitura e Formação de Professores**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1994.
- DINIZ, Lincoln Silva. **As Bodegas da Cidade de Campina Grande: Dinâmica sócio-espaciais do pequeno comércio – Campina Grande**, EDUFCEG, 2011.
- MELO JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos. **O conceito de experiência histórica em Edward Thompson**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- PEREIRA JUNIOR, Francisco. **Feira de Campina Grande, um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino**. MUDES – 1977.
- PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- PESAVENTO, Sandra, Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. In: Revista Brasileira de História. Vol 27, n. 53, 2007.
- SENNETT Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14º ed. Rio de Janeiro. Record, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI - No loop da montanha russa*. São Paulo, Cia da letras, 2001.
- SOUSA, Fabio Gutemberg R.B. de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Edufmg, 2006.
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. “Por uma vida menos infame” In: *Populares na Cidade: vivências de trabalho e de lazer*. João Pessoa: ideia, 2011
- SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lares Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)** Tese de Doutorado. PPGH/UFPE, 2002.
- THOMPSON, Edward Palmer. **História Oral**. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 5, junho de 2002. Editor responsável: Maria de Lourdes Monaco Janotti.
- THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizado por Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- _____. **A história vista de baixo**. In: *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

THOMPSON, Edwart Palmer. **A voz do passado historia oral**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Edwart Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, V.1, 1987. V.2, 2002. V.3, 2002.

THOMPSON, Edwart Palmer. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.